



Majjhima Nikaya 148

Chachakka Sutta - Os Seis Conjuntos de Seis

Organização e tradução: Gustavo Mokusen

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. "Bhikkhus, eu ensinarei para vocês o Dhamma que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final, com correta formulação e significado; eu revelarei a vida santa que é completamente perfeita e imaculada: isto é, os seis conjuntos de seis. Ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer." – "Sim, venerável senhor," os bhikkhus responderam. O Abençoado disse o seguinte:

(SINOPSE)

3. "**As seis bases internas** devem ser compreendidas. **As seis bases externas** devem ser compreendidas. **As seis classes de consciência** devem ser compreendidas. **As seis classes de contato** devem ser compreendidas. **As seis classes de sensações** devem ser compreendidas. **As seis classes de ânsia**¹ devem ser compreendidas.

(ENUMERAÇÃO)

4. (i) "**As seis bases internas** devem ser compreendidas.' Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Existe a base do olho, a base do ouvido, a base do nariz, a base da língua, a base do corpo e a base da mente. Portanto, foi com referência a isso que foi dito: 'As seis bases internas devem ser compreendidas.' Este é o primeiro conjunto de seis.

5. (ii) "**As seis bases externas** devem ser compreendidas.' Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Existe a base da forma, a base do som, a base do odor, a base do sabor, a base dos tangíveis e a base do objeto mental. Portanto, foi com referência a isso que foi dito: 'As seis bases externas devem ser compreendidas.' Este é o segundo conjunto de seis.

6. (iii) "**As seis classes de consciência** devem ser compreendidas.' Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência-olho surge; na dependência do ouvido e dos sons, a consciência-ouvido surge; na dependência do nariz e dos odores, a consciência-nariz surge; na dependência da língua e dos sabores, a consciência-língua surge; na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência-corpo surge; na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência-mente surge. Portanto, foi com referência a isso que foi dito: 'As seis classes de consciência devem ser compreendidas.' Este é o terceiro conjunto de seis.

7. (iv) "**As seis classes de contato** devem ser compreendidas.' Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência-olho surge; o encontro dos três é o contato do olho. Na dependência do ouvido e dos sons, a consciência-ouvido surge; o encontro dos três é o contato do ouvido. Na dependência do nariz e dos odores, a consciência-nariz surge; o encontro dos três é o contato do nariz. Na dependência da língua e dos sabores, a consciência-língua surge; o encontro dos três é o contato da língua. Na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência-corpo surge; o encontro dos três é o contato do corpo. Na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência-mente surge; o encontro dos três é o contato da mente. Portanto, foi com referência a isso que foi dito: 'As seis classes de contato devem ser compreendidas.' Este é o quarto conjunto de seis.

8. (v) "**As seis classes de sensações** devem ser compreendidas.' Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência-olho surge; o encontro dos três é o contato do olho; com o contato como condição surge a sensação visual. Na dependência do ouvido e dos sons, a consciência-ouvido surge; o encontro dos três é o contato do ouvido; com o contato como condição surge a sensação auditiva. Na dependência do nariz e dos odores, a consciência-nariz surge; o encontro dos três

¹ "*Tanha*", em páli. Palavra comumente traduzida por "desejo" na literatura budista brasileira. Porém, o original "*tanha*" (lit. "sede") diz respeito não somente ao desejo de apego, mas também à ânsia da aversão ou da indiferença. "*Tanha*" é identificada na Segunda Verdade Nobre como a raiz de "*Dukkha*" (insatisfação, sofrimento).



é o contato do nariz; com o contato como condição surge a sensação olfativa. Na dependência da língua e dos sabores, a consciência-língua surge; o encontro dos três é o contato da língua; com o contato como condição surge a sensação gustativa. Na dependência do corpo e dos tangíveis, a consciência-corpo surge; o encontro dos três é o contato do corpo; com o contato como condição surge a sensação tátil. Na dependência da mente e dos objetos mentais, a consciência-mente surge; o encontro dos três é o contato da mente; com o contato como condição surge a sensação mental. Portanto, foi com referência a isso que foi dito: 'As seis classes de sensações devem ser compreendidas.' Este é o quinto conjunto de seis.

9. (vi) **"As seis classes de ânsia** devem ser compreendidas.' Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Na dependência do olho e das formas, a consciência-olho surge; o encontro dos três é o contato do olho; com o contato como condição surge a sensação visual; com a sensação como condição surge a ânsia visual.² Na dependência do ouvido e dos sons (...) com a sensação auditiva como condição surge a ânsia auditiva. Na dependência do nariz e dos odores (...) com a sensação olfativa como condição surge a ânsia olfativa. Na dependência da língua e dos sabores (...) com a sensação gustativa como condição surge a ânsia gustativa. Na dependência do corpo e dos tangíveis (...) com a sensação tátil como condição surge a ânsia tátil. Na dependência da mente e dos objetos mentais (...) com a sensação mental como condição surge a ânsia mental. Portanto, foi com referência a isso que foi dito: 'As seis classes de ânsia devem ser compreendidas.' Este é o sexto conjunto de seis.

(DEMONSTRAÇÃO DO NÃO-EU³)

10. (i) "Se alguém disser, 'O olho é o eu,' isso não é sustentável. O surgimento e a cessação do olho são discernidos, e visto que o surgimento e a cessação são discernidos, sucede que: 'Meu eu surge e cessa.' É por isso que não é sustentável que alguém diga, 'O olho é o eu.' Portanto, o olho é não-eu.

(...) 11-15. REPETE-SE TODA A DEMONSTRAÇÃO PARA TODAS AS BASES INTERNAS, BASES EXTERNAS, CLASSES DE CONSCIÊNCIAS, DE CONTATO, DE SENSACÕES E DE ÂNSIAS (i até vi)

(A ORIGEM DA IDENTIDADE)

16. "Agora, bhikkhus, este é o caminho que conduz à origem da identidade⁴. (i) Alguém considera o olho assim: 'Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.' Alguém considera as formas assim ... Alguém considera a consciência-olho assim ... Alguém considera o contato do olho assim ... Alguém considera as sensações visuais assim ... Alguém considera a ânsia visual assim: 'Isso é meu, isso sou eu, isso é o meu eu.'"

(...) 17-21. (i-vi)

(A CESSAÇÃO DA IDENTIDADE)

22. "Agora, bhikkhus, este é o caminho que conduz à cessação da identidade⁵. (i) Alguém considera o olho assim: 'Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.' Alguém considera as formas assim ... Alguém considera a consciência-olho assim ... Alguém considera o contato do olho assim ... Alguém considera as sensações visuais assim ... Alguém considera a ânsia visual assim: 'Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.'"

(...) 23-27. (i-vi)

² Segue-se a mesma formulação para todas as outras 5 bases internas: ouvido, nariz, língua, corpo e mente.

³ O "eu" é a tradução em português do "self" em inglês, que por sua vez é a tradução do original em páli "Atta" ("Atman" em sânscrito). "Atta" refere-se à noção da essência individual independente e apartada. A "demonstração do não-eu" pode ser entendida como a demonstração de tudo aquilo que não pode ser tomado como essa suposta "substância independente" pessoal, ou seja, é a demonstração da impessoalidade, "Anatta"; é a demonstração de que tudo existe de forma interdependente, e de que a noção do "eu" é uma construção relativa e impermanente. O argumento extrai o princípio de "não-eu" da premissa verificável da impermanência, pois algo que fosse o eu teria que ser permanente; porém, o surgimento e cessação mostram justamente o contrário.

⁴ Aqui temos uma referência às duas primeiras Verdades Nobres, o sofrimento e sua raiz.

⁵ Referência às duas últimas Verdades Nobres, a cessação e o caminho para cessação do sofrimento.



(AS TENDÊNCIAS SUBJACENTES À ÂNSIA)

28. (i) “Bhikkhus, na dependência do olho e das formas, a consciência-olho surge; o encontro dos três é o contato do olho; com o contato como condição surge uma sensação visual sentida como prazerosa ou dolorosa ou nem prazerosa, nem dolorosa. Quando alguém é tocado por uma sensação prazerosa, se ele se deleita com ela, nutre-a e permanece agarrado a ela, então a tendência subjacente ao apego está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação dolorosa, se ele fica triste, angustiado e lamenta, chora, bate no peito e fica perturbado, então a tendência subjacente à aversão está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa, se ele não compreende como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória em relação àquela sensação, então a tendência subjacente à ignorância está nele. Bhikkhus, que alguém possa aqui e agora dar um fim ao sofrimento sem abandonar a tendência subjacente do apego em relação às sensações prazerosas, sem abolir a tendência subjacente da aversão em relação às sensações dolorosas, sem extirpar a tendência subjacente da ignorância em relação às sensações nem prazerosas, nem dolorosas; sem abandonar a ignorância e fazer surgir o verdadeiro conhecimento – isso é impossível.

(...) 29-33. (i-vi)

(O ABANDONO DAS TENDÊNCIAS SUBJACENTES À ÂNSIA)

34. (i) “Bhikkhus, na dependência do olho e das formas, a consciência-olho surge; o encontro dos três é o contato do olho; com o contato como condição surge uma sensação visual sentida como prazerosa ou dolorosa ou nem prazerosa, nem dolorosa. Quando alguém é tocado por uma sensação prazerosa, se ele não se deleita com ela, se não a nutre e não permanece agarrado a ela, então a tendência subjacente ao apego não está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação dolorosa, se ele não fica triste, angustiado e lamenta, não chora, bate no peito e não fica perturbado, então a tendência subjacente à aversão não está nele. Quando alguém é tocado por uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa, se ele compreende como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória em relação àquela sensação, então a tendência subjacente à ignorância não está nele. Bhikkhus, que alguém possa aqui e agora dar um fim ao sofrimento através do abandono da tendência subjacente do apego em relação às sensações prazerosas, abolindo a tendência subjacente da aversão em relação às sensações dolorosas, extirpando a tendência subjacente da ignorância em relação às sensações nem prazerosas, nem dolorosas; abandonando a ignorância e fazendo surgir o verdadeiro conhecimento – isso é possível.

(...) 35-39. (i-vi)

(LIBERTAÇÃO)

40. “Vendo dessa forma, bhikkhus, um nobre discípulo bem instruído se desencanta do olho, se desencanta das formas, se desencanta da consciência-olho, se desencanta do contato do olho, se desencanta da sensação visual, se desencanta da ânsia visual.

(...) (i-vi)

41. ‘Desencantado, ele se torna desiludido. Através da desilusão a sua mente é libertada. Quando ela está libertada surge o conhecimento: ‘Foi libertada’. Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os bhikkhus ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado. Agora, enquanto este discurso estava sendo proferido, através do desapego as mentes de sessenta bhikkhus foram libertadas das impurezas⁶.

⁶ Não há nada de surpreendente no fato de sessenta bhikkhus alcançarem o estado de arahant quando o Buda discursou este sutta pela primeira vez. Mas cada vez que Sariputta, Moggallana e os oitenta grandes discípulos discursaram este sutta, sessenta bhikkhus alcançaram o estado de arahant. No Sri Lanka Maliyadeva discursou este sutta em sessenta lugares e cada vez sessenta bhikkhus alcançaram o estado de arahant. Mas quando Tipitaka Culanaga discursou este sutta para uma vasta assembleia de devas e humanos, ao final do discurso mil bhikkhus haviam alcançado o estado de arahant, e entre os devas apenas um permaneceu como mundano.